



# CARTA DOS INTERCESSORES

Nº 145 – Janeiro 2014

**“Pedi e obtereis; procurai e encontrareis “ (Luc 11, 8)**

A partir do Evangelho do bom Samaritano, proposto à nossa reflexão durante o grande Encontro das ENS em Brasília, meditamos sobre a compaixão e sobre as “feridas” que nos são confiadas nas intenções de oração. Podemos alargar a reflexão aprofundando a nossa intercessão pela oração, pelo jejum e pela oferta da nossa vida. Depois fomos interrogados “ Deus cumpre? “

Deslumbrante resposta é-nos dada ao contemplar o Coração ferido de Jesus que nos acolhe na sua divina misericórdia.

”Desejo curar a humanidade que sofre, acolhendo-a no meu coração misericordioso “ disse Jesus a Santa Faustina Kowalska, religiosa da Polinésia (1905-1938).

Mais importante que todos os holocaustos e sacrifícios, são a oferta da nossa miséria quotidiana e nossa humanidade ferida diante do coração de Jesus para dele bebermos, através do Espírito Santo, das suas graças de cura.

Na nossa intercessão, pela oração, pelo jejum ou pela oferta do nosso dia, o Senhor responde-nos, não somente pela sua presença, mas dá-nos também o seu bem mais precioso: a sua misericórdia. Antes mesmo de nos “curar”, dá-nos a sua paz: “os teus pecados são-te perdoados”.

Neste tempo de Epifania, que o Senhor leve a cada um a sua Paz, a sua Alegria e a sua Esperança e que nos renove na nossa missão de intercessor.

Bom e Santo Ano de 2014

*Anne-Laure e Jean-René Brégeon*

"*Ó minha misericórdia, o que será dos pecadores?*" Este grito não cessava S. Domingos de o lançar para Deus, durante a noite. De dia, estava sempre feliz e tinha o dom de captar a amizade de todos. À noite, suplicava. Qual é o sentido deste grito?

Em primeiro lugar é a Deus da misericórdia que ele se dirige. Não a um juiz impassível, lunático ou ignorante da nossa condição humana... Não, o seu grito eleva-se para o nosso Deus cheio de amor, de ternura e de piedade. Fala sem medo, porque sabe que é escutado. Tem a vantagem de saber que o seu desejo para a salvação de todos, é o desejo de Deus. Ao implorar, ele quer o que Deus deseja: a felicidade de todos homens.

Este grito demonstra igualmente que S. Domingos, parecendo tão feliz e sereno, apercebia-se muito bem do mal, que age neste mundo. Principalmente via como as pessoas realizavam o mal. Não dizia: *Ó minha misericórdia, como o mal faz estragos neste mundo...*" Não se queixava dos estragos. Chorava por aqueles que fazem o mal, pelos homens e mulheres que agiam mal. A nossa religião é uma religião de pessoas: chora pelos irmãos e irmãs. Se fosse necessário interpretar a oração de súplica, poderíamos dizer: "*essas pessoas, que pena, passam ao lado do que dá a vida. Não se apercebem que o mal que os habita os conduz à desgraça.*" Estas palavras estão repletas de tristeza. Às vezes, olhamos para as pessoas apenas da forma que gostamos ... mas que nos priva do que nos dá a vida! S. Francisco resumia isto numa fórmula soberba mas trágica: "*O amor não é amado*". Deus dá-nos tudo e apesar disso procuramos o que nos dará a tristeza e a morte.

Para nós, intercessores seguidores do Padre Caffarel, está bem presente esta triste constatação do afastamento de muitos. Para eles, Deus não tem interesse. Mas atenção! S. Domingos dizia em 1º lugar: "*Ó minha misericórdia*" Conhecia o seu Deus, esperava, acreditava: Deus é amor. É nisto que se coloca bem o grito, a súplica, o pedido, a esperança profunda. É este amor que domina e que ultrapassa a tristeza inevitável, este amor que transforma esta tristeza em desejo de amor por todos. Para interceder é necessário amar os outros!

Numa palavra: pecadores; eles podem sê-lo, nós somo-lo, seguramente. Estamos do seu lado. Poder-se-á chamar fraternidade? Nada disso: não há fraternidade no pecado mas apenas cumplicidade. Pelo contrário, existe uma maravilhosa e poderosa comunhão entre os irmãos e irmãs que recebem a misericórdia de Deus. Deus é o Pai de todos.

*Paul – Dominique Marcovit z,op*

## A ORAÇÃO DA IGREJA DOS NOSSOS TEMPOS

A Igreja proclama a verdade da misericórdia de Deus, revelada em Cristo crucificado e ressuscitado, e proclama-a de várias maneiras. Procura também praticar a misericórdia para com os homens por meio dos homens, como condição indispensável da sua solicitude por um mundo melhor e «mais humano», hoje e amanhã.

Mas, além disso, em nenhum momento e em nenhum período da história, especialmente numa época tão crítica como a nossa, pode esquecer a *oração que é um grito de súplica à misericórdia de Deus*, perante as múltiplas formas do mal que pesam sobre a humanidade e a ameaçam. Tal é o direito e o dever da Igreja, em Cristo Jesus: direito e dever para com Deus e para com os homens. Quanto mais a consciência humana, vítima da secularização, esquecer o próprio significado da palavra «misericórdia», e quanto mais, afastando-se de Deus, se afastar do mistério da misericórdia, tanto mais a *Igreja tem o direito e o dever* de apelar «com grande clamor»<sup>135</sup> para o Deus da misericórdia. Este «grande clamor», elevado até Deus para implorar a sua misericórdia há-de caracterizar a Igreja do nosso tempo. A mesma Igreja professa e proclama que a manifestação clara de tal misericórdia se verificou em Jesus crucificado e ressuscitado, isto é, no Mistério pascal. É este Mistério que contém em si a mais completa revelação da misericórdia, isto é, daquele amor que é mais forte do que a morte, mais poderoso do que o pecado e que todo o mal, do amor que ergue o homem das suas quedas, mesmo mais profundas, e o liberta das maiores ameaças.

O homem contemporâneo sente estas ameaças. O que se disse acima a este propósito não é mais do que simples esboço. O homem contemporâneo interroga-se com profunda ansiedade quanto à solução das terríveis tensões que se acumulam sobre o mundo e se entrecruzam nos caminhos da humanidade. Se algumas vezes o homem não tem a *coragem de pronunciar a palavra «misericórdia»*, ou não lhe encontra equivalente na sua consciência despojada de todo o sentido religioso, *ainda se torna mais necessário que a Igreja pronuncie esta palavra*, não só em nome próprio, mas também em nome de todos os homens contemporâneos.

É, pois, necessário que tudo o que acabamos de dizer no presente documento, sobre a misericórdia, *se transforme continuamente em fervorosa oração*, num clamor a suplicar a misericórdia, segundo as necessidades do homem no mundo contemporâneo. E que este clamor *esteja impregnado de toda a verdade sobre a misericórdia* que tem expressão tão rica na Sagrada Escritura e na Tradição, e também na autêntica vida de fé de tantas gerações do Povo de Deus.

Com este clamor apelamos, como fizeram os Autores sagrados, para o Deus que não pode desprezar nada daquilo que Ele criou [136](#), para o Deus que é fiel a si próprio, à sua paternidade e ao seu amor. Como os Profetas, apelamos para o amor que tem características maternas e, à semelhança da mãe, vai acompanhando cada um dos seus filhos, cada ovelha desgarrada, ainda que houvesse milhões de extraviados, ainda que no mundo a iniquidade prevalecesse sobre a honestidade e ainda que a humanidade contemporânea merecesse pelos seus pecados um novo «dilúvio», como outrora sucedeu com a geração de Noé. Recorramos, pois, a tal amor, que permanece amor paterno, como nos foi revelado por Cristo na sua missão messiânica, e que atingiu o ponto culminante na sua Cruz, morte e ressurreição! Recorramos a Deus por meio de Cristo, lembrados das palavras do *Magnificat* de Maria, que proclamam a misericórdia «de geração em geração». Imploremos a misericórdia divina para a geração contemporânea! Que a Igreja, que procura o exemplo da Mãe, de ser em Deus, a mãe dos homens, exprima nesta oração, a sua vocação maternal e também o seu amor confiante de onde nasce a mais ardente necessidade de oração!

*Carta Encíclica de J. Paulo II  
Dives in Misericordia*

## Oração de Santa Faustina

O meu Jesus, em sinal de gratidão por todas as graças, ofereço-Te a minha alma, o meu corpo, a minha razão, a minha vontade, assim como todos os sentimentos do meu coração. Pelos meus votos dou-me inteiramente a Vós, não possuo mais nada que Vos possa oferecer.

Jesus disse-me “*Minha filha não me desta nada que seja essencialmente teu*”

Entrando em mim própria reconheci que amava Deus com todas as forças da minha alma e não conseguia descobrir nada que não tivesse já entregue a Deus, e pedi-Lhe “*Jesus diz-me o que tenho que Te o entregarei imediatamente*”.

Jesus disse-me com benevolência:” *Minha filha dá-Me a tua miséria, essa sim é tua propriedade exclusiva!*”.

Nessa altura um raio de luz iluminou a minha alma, e vi todo o abismo da minha miséria. Ao mesmo tempo senti-me aconchegada no muito Santo Coração de Jesus, com uma tão grande confiança que mesmo que na consciência todos os pecados dos condenados, não teria dúvida da Misericórdia de Deus, mesmo com coração partido ter-me-ia lançado no abismo da Sua Misericórdia. Eu creio, ô

Jesus, que não me terias afastado para longe de Vós, mas que me terias absolvido pela mão do Vosso representante.

*Santa Faustina Kowalska  
Petit jornal 10 Octobre 1937*

## **OS NOSSOS CORAÇÕES INCLINAM-SE COM DEUS SOBRE AS MISÉRIAS DO SEU POVO**

Quando tento compreender a natureza da nossa vocação cristã nas nossas sociedades actuais, reanaliso frequentemente a vocação de Moisés chocado pela servidão do seu povo. Moisés tinha inicialmente reagido com violência, indo ao ponto de matar um egípcio que maltratava um dos seus, fugindo a seguir para o deserto.

É aí, no episódio da sarça-ardente, que a palavra de Deus o interpela. Esta palavra reforça a sua visão da situação: “*Eu vi a opressão do meu povo*” (Êxodo 3,7).

O que Moisés tinha visto e que tinha tentado corrigir de forma desastrada e brutal, Deus compreende perfeitamente. Apela para que ele actue, tentando negociar: “*Eu envio-te junto do Faraó ...*”. Deus dá-lhe as chaves para essa diligência: um cajado e um companheiro... Sublinha também o sentido espiritual e comunitário dessa vocação:

“*Haveis de me louvar sobre esta montanha*” (Êxodo 3,12). Tudo isto emana de um coração ardente envolvendo Deus e o homem, ambos atentos à miséria do povo. Que desça dos céus a Misericórdia!

O Santo Padre na sua encíclica DEUS É AMOR retoma o “*programa do bom samaritano*” : “*um coração que vê*”. E que vemos nós?

Cada um de nós, onde quer que viva, é chamado a ver misérias que tocam e interpelam o coração. E é quando os nossos corações endurecem que os nossos olhares se desviam dos problemas. Cada um passa ao largo daqueles que não quer ver.

Todos temos experiência disso, experiência amarga como uma traição. Permitam-me contudo configurar-vos um sentimento de solidão que por vezes nos constrange. Atinge, penso eu, muitos membros de movimentos empenhados no serviço da Vida. É também a solidão que pode experimentar qualquer pessoa que tente responder a urgências sociais, humanas ou espirituais. Temos por vezes a impressão, como num pesadelo, de sermos os únicos a ver o que vemos, a tomar consciência da amplitude de um drama. Isto é verdade para a fome, a miséria material, os maus tratos e todas as formas de injustiça. É verdade para os atentados à Vida e para todas as suas consequências.

*Tugdual Derville – Representante Geral da Aliança para os Direitos da Vida*

Todos nós precisamos de auxílio e todos precisamos de misericórdia. Certamente que sim. Mas teremos consciência disso? Não julgamos muitas vezes que não precisamos de qualquer ajuda, e por maioria de razão, de qualquer misericórdia?

Isto tornou-se particularmente claro no meu trabalho com pessoas com dependências, em particular com os alcoólicos. Estes estão muitas vezes persuadidos de que não precisam de qualquer ajuda. “Eu dou conta disto sozinho!” Mas eles não dão. Enganam-se e tentam enganar os outros. Estão conscientes da sua dependência, mas continuam a acreditar que vão sair-se bem sozinhos. Como poderia a misericórdia “funcionar” nestas condições, se falha a consciência da sua miséria?

Por meio do testemunho de Santa Faustina, dispomos de indicações preciosas sobre a maneira como o Senhor pode abrir uma brecha no muro da dependência.

A dependência é, quanto a mim, um exemplo para nós todos que ainda não confiamos suficientemente na Misericórdia de Jesus. Jesus sabe de que espécie de misericórdia precisamos. Nós, muitas vezes, ainda não o sabemos ou sabemos muito pouco. (...)

*“Hoje escutemos a Sua voz. Não endureçais o vosso coração, como em Meribá, como no dia de Massá no deserto”* (Salmo 95,8).

O endurecimento do coração é o contrário da misericórdia. Como não devemos nós rezar para que o nosso coração não endureça, não se torne de pedra! Não deve enfraquecer e tornar-se insensível! Ai está o primeiro pecado do Homem em relação a Deus, e também em relação ao próximo. O endurecimento do coração separa-nos de Deus e nisso está a perda da nossa humanidade. O nosso endurecimento de coração é causa de muita dor entre os seres humanos. Foi também a causa da morte de Jesus. Foi este endurecimento que o conduziu à Cruz e que o crucificou!

Só o amor de Deus, que vai até à Cruz, pode abrir uma brecha nos nossos corações endurecidos. Ele mostrou o seu amor por nós, dando a vida pelos inimigos. É somente este excesso de misericórdia para com aqueles que o mataram, que pode abrir os corações. É somente a misericórdia, aparentemente impotente, que pode fundir os corações petrificados.

## E SE NOS CUIDASSEMOS TOMANDO A MISERICORDINA

*(Proposto pelo nosso papa Francisco após o Angelus de 17 e Novembro de 2013, segundo o terço da Misericórdia Divina ensinado a Santa Faustina pelo próprio Cristo)*

“Doutor, tenho dores na minha alma e no meu coração”.

Atrás da sua secretária o doutor Krajewski escuta-me com atenção. O seu sorriso bondoso dá-me confiança. Despejo o saco da minha vida. Tudo sai desordenadamente: “ Os meus dói-dóis pesam-me..., tenho decisões a tomar e preciso de ajuda..., faltam-me forças para os combates da vida quotidiana..., escorreguei numa casca de banana que o meu vizinho tinha colocado à frente da minha porta e não consigo perdoar-lhe..., o meu cunhado está a morrer ... E gostaria tanto de ver a vida em cor-de-rosa! “

Por fim, arrisco a perguntar: “ doutor é grave?”. Depois da auscultação, o bom do médico quer tranquilizar-me. Fala-me de “um vírus tão velho como a condição humana” e de “um remédio da avó, que os laboratórios têm tentado copiar mas em vão”. Depois põe as lunetas e escreve:

*“Misericórdina, uma vez por dia, de preferência de manhã, com um grande copo duma aguardente sacramental (Eucaristia e Confissão). Qb (quanto baste) para uma vida. A renovar. O medicamento não é coberto pela Segurança Social“, lamenta ele, “mas atenção: certas paróquias dão reembolso“.*

Ao sair, dirijo-me à farmácia mais próxima, na Praça de São Pedro. O senhor Francisco, o farmacêutico, avia-me a receita, com o bom sorriso que fez a sua notoriedade (e a fortuna da sua loja). “Vai ver que isto faz bem ao coração, à alma e à vida inteira“, diz-me ele. “A ser consumido sem moderação“, acrescenta ele com um piscar de olho e agitando a caixa!

Com o seu desenho anatómico de um coração humano rodeado por uma trança de espinhos e com uma inscrição (59 grãos) “entre corações”, esta caixa não se parece nada com uma caixa de medicamentos vulgar. Abro-a. E vejo lá dentro: uma imagem (a minha avó, que era polaca, tinha uma igual sobre a mesa de cabeceira), um terço e uma nota escrita que completa as explicações do meu médico.

E pode ler-se: *“Medicamento espiritual que traz a misericórdia à nossa alma. Efeitos positivos: paz de coração, alegria exterior e desejo de espalhar o bem. Sem efeitos secundários indesejáveis. Eficácia garantida pelas palavras de Jesus. Posologia para adultos e crianças: uma dose por dia, no mínimo. A tomar num lugar calmo (no quarto ou numa igreja), de preferência de joelhos diante da imagem contida na caixa, recitando as preces da divina misericórdia. Duração da tomada do medicamento: 7 minutos “*

Sento-me, fecho os olhos e tomo uma dose. O remédio não tem mau gosto. Deixo-o actua .... E então, como por milagre, sinto-me muito melhor.

## INTENSÃO GERAL

(Extrato da oração proferida pelo Papa Francisco no final da missa de Domingo 27 de Outubro de 2013, na presença das famílias do mundo inteiro vindas a Roma numa peregrinação no quadro do Ano da Fé.)

*Santa Família de Nazaré, guardiã fiel do mistério da salvação: faz renascer em nós a estima pelo silêncio, torna as nossas famílias cenáculos de oração e transforma-as em pequenas igrejas domésticas, renova o desejo de santidade, ampara-as nas nobres dificuldades do trabalho, da educação, da escuta, da compreensão recíproca e do perdão.*

Caros Amigos

A misericórdia do Senhor é um tema muitas vezes abordado e reflectido na Palavra de Deus. Na realidade, a palavra "misericórdia" aparece mais de 250 vezes. Misericórdia, deriva de "**Misere Cuore**" ou seja, coração na miséria.

Jesus para explicar o que era a Misericórdia e tentando a responder à pergunta de um advogado a respeito de quem era o seu vizinho falou através da parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37): "...Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? E ele disse: O que usou de MISERICÓRDIA para com ele. "

Na Bíblia a palavra misericórdia tem dois significados fundamentais: um para traduzir a atitude do mais forte sobre o mais fraco (*aliança de Deus com a humanidade*) habitualmente manifestada no perdão das infidelidades e das culpas; o segundo para indicar a resposta às necessidades dos que sofrem.

Na vida de Jesus espelham-se as duas atitudes; por um lado a misericórdia de Deus para com os pecadores através do perdão aos arrependidos, por outro lado a sua ternura e compaixão perante o sofrimento humano (saciu os famintos, curou os enfermos, libertou os oprimidos). "**Tomou sobre si nossas fraquezas e carregou nossas enfermidades**" (Mt 8,17).

Como dizia o Papa Francisco " Deixemo-nos envolver pela misericórdia de Deus; confiemos na sua paciência que sempre nos concede tempo, tenhamos a coragem de voltar à sua casa, habitar nas feridas do seu amor, desejando que Ele nos ame, de encontrar a sua misericórdia nos sacramentos. Sentiremos a sua ternura, sentiremos o seu abraço e seremos também mais capazes de misericórdia, de paciência, de perdão e de amor.

Que o novo ano seja para nós a oportunidade de através da misericórdia de Deus podermos ser intercessores privilegiados junto do Pai do Céu daqueles que no seu sofrimento junto de nós se acolhem

Rita Joaquim